

Estudos de Glotologia indo-europêa

UMA NOVA ETIMOLOGIA DUM VERBO

Supomos ter encontrado o étimo duma série de verbos com a significação de "haver" nos domínios grego, latino e germânico.

E' certo que várias etimologias teem sido propostas para os explicar, mas essas etimologias estão sujeitas a graves objecções e sofrem do defeito de separarem verbos que, pela identidade de sentido e de função, procedem evidentemente da mesma origem.

Uma etimologia que reunisse todos esses verbos, cingindo-se às possibilidades fonéticas, ofereceria, sem dúvida, grandes verosimilhanças.

E' uma hipótese com essas aspirações que o leitor vai ler e julgar.

O verbo "haver" tem o seu quê de misterioso. Parece que em sânscrito se deveria encontrar verbo semelhante na forma e no sentido, paralelo aos que correm pela Europa, e não se encontra; parece também que a comunidade de origem do lat. *habeo* e do got. *haban*, p. ex., deveria estar fora de discussão, e no entanto não está: a lei de Grimm protesta; finalmente, o lat. *habeo* e o grego *εχω*, estão foneticamente (supõe-se) separados por um abismo, e

todavia ambos têm o mesmo sentido e assumem identicamente, por vezes, as funções de auxiliares.

. Mas ainda outra singularidade nos apresenta esse verbo estranho.

Disfarça-se tão bem, quando aglutinado a outro verbo, que, para ser descoberto, é quasi preciso génio, e, ainda quando descoberto, persistem disputas acerca da sua identidade. Lembremo-nos cio que sucedeu com a descoberta do humanista espanhol António de Nebrissa, da formação do futuro românico e das dificuldades que houve na adopção das suas ideias (1).

Quando já era admitida por todos a teoria da formação do futuro e do condicional, surge o sábio e fantasista autor da "Fascinação de Gulfi", o célebre Bergmann, sustentando que tal doutrina não era verdadeira, que nem futuros nem condicionais tinham a origem que se lhes atribuíra, mas sim que provinham do futuro perfeito latino (2).

O mesmo sucede com o perfeito do verbo espanhol *andar* que evidentemente é formado com o verbo *haber*. Há no entanto quem se recuse a ver aí esse verbo (3).

Esta propriedade de tão bem se ocultar o verbo "haver" é certamente a causa de não ter sido encontrada a sua etimologia nem o seu correspondente em sânscrito.

Na verdade, ?pode conceber-se que verbo tão antigo e tão divulgado não tivesse correspondente em sânscrito e nas outras línguas indo-europeias da Ásia? ?Pode conceber-se, também, que esse representante, se acaso existir, não tenha funções de verbo auxiliar?

As formas que temos de reunir, são o lat. *habeo*, o gr. *εχω*, e duas séries paralelas germânicas, a saber (4):

(1) Adolfo Coelho — Teoria da Conjugação em latim e português, 1870, pag. 116.

(2) Bergmman — Cours de Linguistique, etc. Paris, 1876, pag. 222.

(3) P. ex. Commerlan y Gomez — Grammatica-Comparada de las lenguas Castellana y Latina, Madrid, 1889, pag. 153.

(4) Além das que damos em quadro, há formas semelhantes no velho nórdico, etc. V. Ulfias-Veteris et Novis Testamentis versionis Go-

2.^a Série. . .

Velho alto alemão	Gótico	V. Inglês
eigan (1)	aigan (2)	agan (3)
haben ou hafjam (4)	haban ou hafyan (5)	hebban ou haf-ian (6)

. Todas estas formas têm o sentido de "haver,,, "possuir,,, todas elas, com mais ou menos intensidade, têm servido de verbos auxiliares. Um exemplo de que as duas formas na mesma língua tiveram essa função, pode ler-se em Bopp. "Além do auxiliar que se tornou em alemão moderno *haben*, o velho alto alemão serve-se ainda para os seus perfeitos, do verbo *eigan* (mesmo sentido),,(7). No gótico encontram-se perfeitos perifrásticos com o auxiliar *haban*, ex. *taujam haba* (8). A origem das formas *haben*, *hebban* e *haban* tem sido dada como sendo a raiz *Khaoh*, a mesma que entra em *Capio*. De acordo com as leis fonéticas, esta etimologia, não convém contudo pelo sentido nem se aplica às demais formas. De resto, a separação de *habeo* e *haben* levanta protestos, mesmo nos mais ilustres linguistas. Miguel de Bréal, o glorioso criador da semântica, repele essa separação nestes termos: "É controversa questão saber se *habeo* é da mesma origem que o germânico *haban*, *hafjan*; ainda que

thicae fragmenta quae supersunt, cum Glossaris et Gramática linguae Gothicae. Ed. Gabelanty et Loebe -Lipsiae, 1843-46.

(1) Bopp — Grammaire Comparée des Langues Indo-Européennes, tr. de Bréal, vol. 3.º, pág. 220.

(2) Morris — Historical Out-lines of English Accidence, Mac Millan, 1916, pág. 272. V. Henry escreve aih-an (Gr. comparéc de l'Anglais e de l'Allemand, 1893, pág. 374).

Henry Sweet (1845-1912)

(3) Swcet — A New English Grammar logical and historical, Oxford, 1900, pág. 423.

(4) G. Korting—Encyklopaedie und Methodologie der Englischen Philologie— 1888, pág. 305.

Walter William Skeat (1835-1912)

(5) W. Skeat—A Primcr of Classical and English-Philology - Oxford, 1905, pág. 81.

(6) W. Skeat, id, ibid.

(7) Bopp, ob. cit. III, pág. 220.

(8) Bopp. ob. cit. III, 307 e F. Diez. Gr. des Langues Romanes, tr. fr., vol. 2.º, pág. 109.

haja algumas dificuldades na correspondência das consoantes, o parentesco não nos parece duvidoso,,.

Skeat (1) e Wright (2) seguem idêntico modo de ver.

Com relação a *εχω* supôs Bopp que esse verbo derivasse da raiz *vah* transportar, alegando que esse sentido de transporte ainda aparece claramente no composto *ανεχω*, etc., e explicava o sentido de "haver,, pelo facto de a raiz *vah* ter também o significado de "levar", pelo que se chegaria facilmente, diz o excelso pensador, ao de possuir. As dificuldades de formas como as do aoristo *σχεινο*, resolvia-as invocando a intervenção de duas raízes na formação dos tempos desse verbo, a saber *εχ* de *vah* e *σχε* de *sah*.

No entanto concedia que, desde que se considerasse *εχω* e *οχησω*, como pertencentes à mesma raiz, se admitisse que *εχω* está por *σεχω*, tendo perdido o *σ* inicial.

Victor Henry (3) adopta a primeira opinião de Bopp. A última edição do dicionário de Bailly (4) ainda conserva esta versão.

Mas a filologia moderna não concorda com essa primeira hipótese de Bopp. Optam pela segunda.

O eminente Meillet, depois de dar um quadro de alterações de timbres vocálicos, como nessa tabela estejam a par *εχω* e o lat. *veho*, previne-nos cautelosamente que esses verbos nada teem que ver etimologicamente um com o outro (5). Identicamente Boisacq faz proceder esse verbo de *segh*, (6) da mesma forma que Menge, que também o deriva da raiz *segh*, *sqhe* (7).

Teremos ocasião, mais adiante, de nos referirmos a esta hipótese. Notemos tão somente que Bopp, com o seu fino tacto de Filólogo, fazia derivar de duas raízes as várias formas de *εχω*.

(1) Skeat — A concise Etymolngical Dictionary, s. v. have.

Joseph Wright (1855-1930) (2) Joseph Wright - Historical German Grammar, vol. 1.º 1907, pág. 262.

(3) Victor Henry - Précis de Grammaire Comparée du grec et du latin, 1886, pag. 66.

(4) Bailly - Dict. Grec Français, 1920, s. v.

(5) A Meillet—Introduction à l'Etude Comparative des Langues Indo-Européennes, 4.ª ed., 1914, pág. 217.

(6) Boisacq—Dict. Etymologique de la Langue Greque (em publicação), s. v. *εχω*.

(7) Menge - Griechische —Deutsches Schülwörterbuch, Berlim, 1903, s.v. *εχω*.

A etimologia de *habeo* é mais difícil. Se as outras têm verosimilhanças, embora isolando formas irmãs, as de *habeo*, engenhosas e rebuscadas, supomos não terem, o condão de convencer. Citemos a de Bopp, refutada por Schweizer, de que viria de *hapayâmi*, e a de Leo Meyer, que o fazia derivar de *kchi*, com o sentido de ocupar um lugar, mandar, habitar... ⁽⁴⁾

Nós vamos, por nossa vez, tentar resolver o problema, irmanando etimologicamente essas formas que já o sentido ligara.

No nosso modo de ver as condições do problema, são:

- 1.º) É de esperar que o étimo das formas latina, helénica e germânica (a que por agora nos restringimos) seja de capital destaque, pela fortuna que os seus descendentes obtiveram.
- 2.º) É de esperar que esse étimo, à semelhança do que acontece nos verbos seus descendentes, desempenhe as funções de auxiliar.
- 3.º) Essa função de auxiliar deve ser de qualquer modo essencial, dada a sua expansibilidade.
- 4.º) Deve convir pelo sentido.
- 5.º) Deve explicar as transições fonéticas e derimar aparentes dificuldades, como, por ex., 'habeo = haben.

Estas condições são talvez excessivas, mas, se a nossa hipótese as satisfizer, adquirirá uma grande verosimilhança.

(4) Sobre a etimologia de *habeo*, larga informação no “Lateinisches Etymologisches Wörterbuch” de Walde (1910) s. v. *habeo*.

Estudemos as relações que existem entre "haver,, e "ser", que, aparentemente, têm um sentido diversíssimo. Esse exame pode trazer-nos surpresas. É que, com efeito, estes verbos têm frequentemente a mesma função e sentido. O lat. pode exprimir a ideia de posse com o verbo *sum*. *Est mihi* traduz-se por "eu tenho, eu possuo,,. Por sua vez, o verbo *habeo*, traduz-se em certos casos por "ser,, (1).

O verbo *εχω*, eu tenho, acompanhado dum advérbio responde simplesmente ao verbo *ser* (2), e o verbo *ειμι* com dativo, é vertido por "haver",. ? Não está na mente de todos o verbo *there to be* haver? Acrescentemos ainda que o sentido de existir anda nos dois verbos.

A propósito do francês, diz Villemain: "Uma singularidade que parece moderna ainda, é o emprego impessoal do verbo "haver,, e, neste caso, a substituição do verbo "haver,, pelo verbo "ser,,. Encontram-se também vestígios disso na velha língua latina. Plauto, testemunha tanto mais importante quanto a sua linguagem familiar se deveria vulgarizar na língua do povo, diz: "*Quis istic habet?* (*Qu'y a-t-il lá?* QUI est Lá?) (3) Sabemos mais que, como auxiliares, em francês e alemão, p. ex., as suas diferenças em alguns casos são tão subtis, que os gramáticos se vêem em sérios embaraços para a fixação de regras precisas.

Em sânscrito o verbo *bhu* "ser,, tem, além de "ser", "existir,, "produzir,, "pertencer,, "nascer,, etc. (4), também a significação de "obter" (5) bem vizinha de ter, haver.

Mas estes factos não são apenas privativos do grupo indo-europeu. Em grupos estranhos, p. ex. nas línguas semíticas não existe o verbo "haver,, que é substituído pelo verbo "ser,,. Assim, em assírio traduz-se *i su u* por "é,, e

(1) -William Collar — *Tho Gato to Caesar*. — Boston, 1899, pág. 102.

(2) Sommer — *Cours complet de Grammaire Grecque*,. Paris, Hachette, pág. 332.

(3) Villemain — *Cours de Littérature Française*,. 4e ed. 1839, pág. 596.

(4) Burnouf — *Dictionnaire Classique Sanscrit-Français*,. s. v. *bhu*.

(5) Max Müller — *"A Sanskrit Grammar for beginners*,. 2.ª ed., Londres, pág. 246.

"tem,, (Ist und hat) (1); em hebraico o verbo "haver,, não existe. É substituído pelo dativo precedido do verbo "*hajah*,, "ser,, etc. (2); e, da mesma forma, em árabe, o verbo "haver,, é substituído por "ser,, com dativo. P. ex. "Eu tenho (*hei*) duas casas,, Andi zandj diar (3).

Estas analogias serão o ponto de partida para a nossa hipótese, que é a seguinte: O verbo "ser,, indo-europeu, entre outros sentidos tinha o de "ser,, e de "haver,, diferenciando-se, depois, em várias línguas, em dois verbos, um com o sentido de "ser,, outro com o sentido de "haver,,. O facto de, nas línguas indo-europeas da Europa, aparecerem os dois sentidos nos dois verbos já diferenciados, seria um vestígio da sua comum origem.

Sendo, pois, os diferentes verbos estudados com o significado de haver, oriundos de ser, teríamos satisfeito á 1.^a condição, pois que o verbo *bhu* é um dos mais importantes, como se sabe; á 2.^a, porque *bhu* é efectivamente um auxiliar; á 3.^a, visto como a função de auxiliar em "ser,, lhe é de tal modo essencial, que aparece mesmo nas línguas estranhas ao grupo indo-europeu; e, finalmente, á 4.^a, pois que o sentido, como vimos, convêm. Resta-nos explicar quais as formas de "ser,, que deram "haver" e seguidamente justificar as varias evoluções fonéticas.

As considerações que precedem autorizam-nos a procurar formas do verbo "ser,, donde derivem os verbos que estudamos.

Sabe-se que o verbo "ser,, indo-europeu era constituído por formas de *es-* "e talvez já também por formas de *bheu-*

(1) Rosenberg — "Assyrische Sprachlehre und Keilschriftkunde (A. Hartleben's Verlag, pág. 163.

(2) Shilling - "Nouvelle Méthode pour apprendre facilement la langue hébraïque,, 1895, pág. 158.

(3) Cherbonneau - "Dict. Français-Arabe,, 1872, s. v. *avoir*.

que nesta época se combinava com es de maneira a completá-lo ⁽¹⁾.,.

O verbo bhu sânscrito, oriundo de *bheu*, tinha conjugação completa, mantendo o sentido de "ser,,, como já vimos. Estudemos, pois, as formas que toma em indo-iraniano esse verbo, no presente, p. ex. (omitimos o dual):

Sânscrito		Zend
	SINGULAR	
bhávâmi		bavâmi
bhávasi		bávahi
bhávati		bavaiti
	PLURAL	
bhavâmas		bavâmi
bhávata		bavata
bhávanti		bavainti

A semelhança das formas nas duas línguas é flagrante.

Imaginemos por um momento (o que, de resto não é legítimo) as formas sânscritas sem h. Então a semelhança com as de *habeo*, de *haben* etc., seriam notáveis. ?Simples acaso? A conveniência semântica, já a procuramos demonstrar.

A questão fonética, a mais grave, será o assunto do nosso próximo artigo nesta revista.

Matosinhos, Maio de 1920.

JOSÉ TEIXEIRA REGO.

⁽¹⁾ K. Brugmann —Abrégé .de Grammaire Comparée, tr. fr., 1905, pág. 664.